

DESENVOLVIMENTO INFANTIL MEDIADO PELA CULTURA FAMILIAR E O PAPEL DO PSICÓLOGO

Dayane FERNANDES¹

Profa. Esp. Rosana Maria Alves MANGILI²

RESUMO: Este artigo buscou analisar o papel e importância do desenvolvimento infantil mediado pela cultura, família sob a ótica da psicologia. No desenvolvimento infantil tem-se as mudanças físicas, neurológicas, cognitivas e comportamentais que ocorrem em processos graduais, consistindo em um progresso dos estágios mais simples aos mais avançados de complexidade, através da participação ativa de estimulação por parte dos pais. Em relação aos aspectos psicológicos tem-se os cognitivos, a personalidade, correlação das características internas e externas e como reagem às todas mudanças e influências tanto da família como da sociedade. Neste mesmo ambiente tem-se a possibilidade de receber amor e proteção, como também ser negligenciada e abandonada, trazendo prejuízos nas mais diferentes áreas, necessitando apoio, orientação e tratamento. O papel do psicólogo nesse sentido será acompanhar a criança no seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial, analisando quanto o meio e o ambiente familiar pode está influenciando em seu comportamento, irá compreender seus problemas psicológicos e também trabalhar na prevenção dos mesmos.

PALAVRAS-CHAVES: Desenvolvimento Infantil, Estimulação, Cognitivo, Família, cultura, psicólogo.

Introdução

Este artigo tem como objetivo compreender o papel da família no desenvolvimento infantil, correlacionando-se com a cultura sob a ótica de algumas abordagens da psicologia. Outro ponto de destaque é o de que a criança é um ser social, considerando sua classe, situação socioeconômica, cultura, religião e estes fatores influenciam positivamente e negativamente o desenvolvimento da criança.

Mota (2005) afirma que o desenvolvimento humano envolve o estudo de variáveis afetivas, cognitivas, sociais e biológicas em todo ciclo da vida correlacionando-se com as diferentes áreas do saber como: a biologia, antropologia, sociologia, educação, medicina entre outras.

¹ Discente: 1 Centro Universitário Central Paulista – UNICEP, Rua Miguel Petroni 5111, 13563-470 São Carlos, São Paulo. E-mail: dhayfernandes@hotmail.com

² Docente do curso Libras e Educação inclusiva - Centro Universitário paulista. Rua Miguel Petroni, 5111, 13563-470, São Carlos – SP e.mail:rosanaa25@yahoo.com.br

Silva; Gontijo (2016) destaca que as primeiras experiências de vida ocorrem dentro do ambiente familiar, é a que lhe concede o nome, classe social, genética, sentimento, emoções e contribuindo com a formação psíquica.

Mota (2005) e Goulart (2016) reforçam que no desenvolvimento infantil como mudanças físicas, neurológicas, cognitivas e comportamentais que ocorrem em processos graduais, consistindo em um progresso dos estágios mais simples aos mais avançados de complexidade. E com relação aos aspectos psicológicos tem-se os aspectos cognitivos, personalidade, correlação das características internas e externas e como reagem às todas mudanças e influencias tanto da família como da sociedade.

No ambiente familiar a criança pode tanto receber proteção, quanto viver em situação de risco, fatores este que pode estar relacionado diretamente com o nível social, cognitivo, moral, socioeconômico ou a fragilidade da família, pode influenciar diretamente em prejuízos para a solução de problemas, linguagem, memória e habilidades sociais e Bruner³ (2005) em sua obra realiza um breve comparativo entre os principais pensadores e suas contribuições sobre o desenvolvimento infantil, as mudanças, mediação, desenvolvimento cognitivo e a interação com o mundo.

As teorias sobre o desenvolvimento humano, devido ao caráter da cultura, não são simples esforços para compreender e codificar a natureza do desenvolvimento humano, senão que, por sua própria essência, também *criam* os mesmos processos que tentam explicar, conferindo-lhes realidade e fazendo-os conscientes à comunidade (BRUNER, 2005, p. 01).

Como justificativa para construção deste trabalho, o interesse por tal tema surgiu na vivência e experiência em estágios proporcionados por minha graduação, onde tive a oportunidade de conviver com crianças de diversas idades, contextos sociais e desenvolvimentos atípicos. Nessas ocasiões houve interações das formas mais diversificadas com crianças em vários níveis de desenvolvimento. Durante todo o processo percebeu-se o quanto o contexto cultural familiar pode influenciar no seu desempenho, refletindo diretamente em seu desenvolvimento.

Como relevância social e científica investigar sobre esta temática faz-se importante em um cenário aonde o papel da família pode promover um desenvolvimento saudável e equilibrado ou não. Neste contexto, observou-se as contribuições da revisão da literatura, pois, oferecem um cenário amplo acerca de

³ * Traduzido, para fins didáticos, do espanhol "Concepciones de la Infancia: Freud, Piaget y Vygotsky" (versão de M.^a Victoria Sebastián), por Achilles Delari Junior em agosto de 1999.

determinadas temáticas, como por exemplo o papel ativo da escola na identificação, mapeamento, auxílio, socorro na resolução de problemas. Tem-se também a valorização da equipe multidisciplinar como médicos, terapeutas, assistentes sociais ou psicólogos, que juntos buscam auxiliar da melhor forma possível as dificuldades e problemas vivenciados pelo aluno.

O objetivo central desta pesquisa é o de analisar o papel e importância da cultura familiar na fase de desenvolvimento infantil e as contribuições da psicologia neste processo. De forma específica, esperam-se: analisar como o contexto social, histórica e cultural influencia no desenvolvimento das crianças; compreender o papel dos pais na transmissão da cultura para um sujeito histórico-social; citar as principais ações dos psicólogos neste contexto.

Metodologia

A pesquisa bibliográfica procura analisar e conhecer as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, explicando um problema a partir desse levantamento (LAKATOS e MARCONI, 2003).

A pesquisa foi realizada por meio da revisão bibliográfica, na qual buscou-se artigos, periódicos, monografias sobre a temática escolhida. As principais bases de dados de referencia foram: Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi) Brasil, Artigos de Revistas de Psicologia, SCIELO (*Scientific Electronic Library Online*), apostilas buscando elucidar a temática escolhida. Os estudos utilizados foram limitados à produção científica nacional e ou que foram publicados em português, incluídos os estudos que estivessem com as seguintes características: em português, produzidos entre os anos de 2000 ate 2017, após a leitura dos títulos, resumos com relevância para a psicologia e o desenvolvimento infantil e utilizaram-se as seguintes palavras-chave: psicologia do desenvolvimento, desenvolvimento infantil, teóricos da psicologia, cultura, família e psicólogo. Após a leitura dos resultados, selecionou-se para construção deste: 19 trabalhos que auxiliaram através da leitura, interpretação e seleção do conteúdo a ser redigido.

E Lakatos e Marconi (2003) reforçam:

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado

sobre determinado assunto, inclusive conferencias seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 183).

Resultados e discussão

Papel da família, cultura e desenvolvimento infantil

Silvia et al. (2008) em seu artigo destacam que a importância sobre o papel da família no desenvolvimento infantil, onde, a família é o primeiro sistema que mais influência a vida da criança através da transição de normas, valores, rotinas, hábitos, cultura, proteção, orientação formal e informal, educacional, os primeiros passos de socialização etc. Posteriormente estes aspectos são aprimorados no ambiente escolar e na própria comunidade “sociedade”. Em referência aos relacionamentos a criança tem contatos nos anos iniciais de sua vida com pais, irmãos, tios, primos, avôs, posteriormente comunidade local (igreja, clubes e vizinhos) e estas relações interpessoais também contribuem para o amadurecimento e moldagem do desenvolvimento infantil:

A família como “espaço de socialização infantil”, pois se constitui em “mediadora na relação entre a criança e a sociedade”. Nas interações familiares “padrões de comportamentos, hábitos, atitudes e linguagens, usos, valores e costumes são transmitidos” e “as bases da subjetividade, da personalidade e da identidade são desenvolvidas” (SILVIA et al., 2008, p. 217).

É através destas relações que a criança passa a interagir e participar ativamente da sociedade, através do contato família, as crianças conhecem e convivem com outras pessoas, constituiu-se como sujeito, interage com o mundo por meio da troca intersubjetiva, construída na afetividade, e constitui o primeiro referencial para a formação da sua identidade e cultura e posteriormente a subjetividade.

É importante ressaltar que a família e a escola são ambientes de desenvolvimento e aprendizagem humana que podem funcionar como propulsores ou inibidores dele. Estudar as relações em cada contexto e entre eles constitui fonte importante de informação, na medida em que permite identificar aspectos ou condições que geram conflitos e ruídos nas comunicações e, conseqüentemente, nos padrões de colaboração entre eles (DESSEN; POLONIA, 2007).

Segundo Bronfenbrenner; Ceci (1994), a família é de grande importância na construção de práticas psicossociais, no desenvolvimento infantil e cognitivo da criança, pois dentro do ambiente familiar a criança pode receber proteção ou viver em situação de risco frequentemente relacionados ao baixo nível sócio econômico e a fragilidade nos vínculos familiares, podendo isto afetar diretamente no seu desenvolvimento.

Dada a importância desta fase foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que em seus artigos 3º e 4º enfatizam a concepção de proteção integral e estabelecem as responsabilidades das famílias, da sociedade e do Estado na garantia dos direitos para a infância e a adolescência (BRASIL, 1990):

Art. 3º – A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Art. 4º – É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. que garante a proteção dos direitos integralmente da criança e do adolescente (BRASIL, 1990, p.01).

De acordo com Andrade et al. (2005) o papel da família é ser mediadora entre a criança e a sociedade, possibilitando o desenvolvimento cognitivo infantil que só é dado a partir da socialização da troca com o meio, sendo assim independente da estrutura que a família possui, ela é o meio relacional básico que a criança possui com o mundo. No ambiente familiar a criança pode tanto receber proteção, quanto viver em situação de risco, fatores este que pode estar relacionado diretamente com o nível social, cognitivo, moral, socioeconômico ou a fragilidade da família, pode influenciar diretamente em prejuízos para a solução de problemas, linguagem, memória e habilidades sociais.

Dessen e Polonia (2007) analisam que a instituição denominada família está presente na sociedade, a criança terá modelos através desse ambiente, e será seu primeiro contato social através de modelo

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de construção individual e coletiva (DESSEN; POLONIA, 2007, p. 22).

Considera-se a construção do sujeito através das suas relações interpessoais. A criança em estado atual busca um equilíbrio de duas dimensões, entre o que ela é e vira a ser baseado em uma terceira dimensão o contexto histórico-social que ela está inserida através da emoção, a inteligência, e a personalidade. É a partir da interação que o bebê começa a pensar sobre si e o mundo. A primeira interação ocorre com as pessoas e depois com os objetos, assim se insere no meio e interage com a cultura.

A emoção é a primeira manifestação afetiva do indivíduo que se dá através do choro sendo uma função social e a inteligência se manifesta por meio da linguagem. A criança adquire consciência do eu e do outro. A emoção pode se manifestar em situações de conflito e afetividade, podendo contagiar positivamente ou negativamente.

Maciel et al. (2016) citando Piaget (1954) compreendem vários aspectos do desenvolvimento infantil, no âmbito da afetividade considera-se que seu desenvolvimento se relaciona diretamente com a inteligência e essa relação é de tal ordem que ninguém nega sua constante interação:

Trata-se, na verdade, de duas dimensões, uma estrutural, potencializada pela inteligência, e outra energética, potencializada pela afetividade. Ambas são isomorfas em todos os comportamentos. Nos comportamentos orientados para os objetos, o elemento estrutural (inteligência) é constituído pelas “diversas estruturas lógico-matemáticas”, enquanto o elemento energético (afetividade) é constituído pelo interesse, pelos valores, pela interatividade e suas regulações (PIAGET, 1954/2001, p. 104 citado por MACIEL et al.; 2016, p. 332).

Piaget ainda coloca que a afetividade estimula, acelera, e ajuda na construção das estruturas cognitivas, sendo assim ele conclui que a afetividades pode sim provocar acelerações ou retrocessos no desenvolvimento das estruturas da inteligência, mas... “não pode nem produzir nem modificar as estruturas” (MACIEL et al., 2016).

O desenvolvimento se dá por etapas e por superação a cada etapa anterior. Nesse sentido a explicação do desenvolvimento não é biológica, mas acontece pela intervenção do meio, pois nem todos acabam chegando a mesma etapa de desenvolvimento, sendo assim essa construção acontece através da interação com meio. Porém "Os fatores inatos são muito mais poderosos na determinação das aptidões individuais e do grau em que estas podem se desenvolver, do que a experiência, o meio social e a educação. O papel do meio social, segundo esta perspectiva, se restringe apenas a impedir ou a permitir que estas aptidões se manifestem” (MACIEL et al., 2016).

Para Piaget a mediação do desenvolvimento é a ação da criança que ocorre na interação, sendo assim ocorre inicialmente um desequilíbrio, o que gera uma questão, e uma acomodação mais estável que a anterior, chegando a assimilação, isso gera um novo desequilíbrio, pois amplia sua possibilidade de conhecimento (MACIEL et al., 2016).

Rabello e Passos (2018) analisam que a teoria de Vygotsky com a sua abordagem sócia interacionista afirma que o desenvolvimento humano se dá na relação das trocas entre parceiros sociais, através de processos de interação e mediação. Ele enfatizava o processo histórico-social e o papel da linguagem no desenvolvimento do indivíduo, a aquisição de conhecimentos se dá pela interação do sujeito com o meio de forma interativa. Compreende-se também que a formação do sujeito se dá numa relação dialética entre sujeito e sociedade é uma investigação das funções psíquicas superiores (linguagem, raciocínio, memória, atenção e vontade) a partir das interações e do universo simbólico. O desenvolvimento é mediado pela cultura, zona de desenvolvimento proximal.

Analisa-se que não é suficiente ter o biológico para realizar uma tarefa se o indivíduo não participa de ambientes e práticas específicas que propiciem esta aprendizagem. Através do brincar as crianças interagem umas com as outras, imitam brincando de faz de conta, assumem e exercitam vários papéis com os quais interagem no dia a dia, fazendo isso a criança se afasta de significados já estabelecidos e cria novas significações (VYGOTSKY, 1994 citado por RABELLO; PASSOS, 2018).

A aprendizagem só acontece a partir da interação com o outro, só é possível se reconhecer como sujeito a partir do outro. A criança aprende em estar em contato com os objetos, ao tocar, sentir, olhar, ouvir e pensar sobre eles. Elas aprendem com suas ações, assimilando essas ações elas desenvolvem o conhecimento (RABELLO; PASSOS, 2018).

O espaço onde as crianças convivem com o adulto criam oportunidades para elas construírem diferentes aspectos da cultura, o convívio familiar é um importante espaço onde as crianças podem aprender e elaborar idéias acerca do mundo, transformando suas curiosidades e afetividade em conhecimento e inteligência segundo Piaget, esse ambiente deve proteger as crianças, fazendo com que se sintam seguras e possam pensar com imaginação, desenvolvendo criatividade e prazer (RABELLO; PASSOS, 2018).

Ghedin; Gomes (2010), de acordo com Piaget a inteligência é modificada de acordo com o desenvolvimento da criança na sua interação com o meio sensório-

motora até alcançar o estágio da inteligência propriamente dita. Ou seja, a inteligência não é dada como algo inato do sujeito, mas sim através da continuidade de hábitos e reflexos inatos com experiências adquiridas e ação do sujeito com o meio, sendo assim ele continua a dizer que o conhecimento e a inteligência estão em constante transformação pelo sujeito por meio da sua ação e interação.

Psicólogo: desenvolvimento infantil, cognitivo e psicossocial

Deakin e Nunes (2008) afirmam que o desenvolvimento da criança inicia-se no seio familiar, que é o meio em que desenvolve seus primeiros contatos, por sua vez, é possível o surgimento de dificuldades que interferem na rotina do dia a dia, na adaptação escolar, na convivência com outras pessoas e etc. Para tanto, tem-se a importância de atuação dos psicólogos que podem com sua atuação identificar sintomas, modificar comportamento, um certo grau de mudança estrutural da personalidade e o retorno da criança aos impulsos desenvolvimentos normais.

As contribuições de Gallo e Alencar (2012) ressaltam que a construção da subjetividade humana ocorre a partir do contato e troca com o outro, alertam para os fatores de risco que podem afetar o desenvolvimento infantil cognitivo e psicossocial. Com exemplo de eventuais problemas tem-se falta de limites, ataques de raiva, desrespeito, dificuldades de obedecer a ordens e cumprir tarefas, agressões físicas e verbais, transtornos emocionais, transtorno de conduta, transtorno de déficit de atenção, autismo e etc. Para tanto, tem-se vários fatores que podem ajudar na superação das dificuldades na fase de desenvolvimento e é necessário a atuação de profissionais médicos, terapeutas e psicólogos.

Outro importante exemplo é a violência, onde, de forma banalizada a criança é exposta à violência física e moral diariamente, causando as seguintes conseqüências: falta do senso de autonomia (a criança reage de forma agressiva e é dependente), frustração, falta de controle de impulsos, ruptura do desenvolvimento infantil normal:

Durante uma brincadeira, quando o colega não quer ceder o brinquedo, ele pode bater no colega e assim conseguir o brinquedo. Essa resposta agressiva da criança é natural. Todo mundo, alguma vez na vida, usou da agressividade para conseguir algo. O ser humano é um predador, caçador. Ser agressivo faz parte da natureza humana, mas por que não somos agressivos? A sociedade ensina que usar a agressividade é errado. Quando a criança aprende com a violência dos pais, ela está aprendendo que usar a agressividade é certo, porque os pais a usam (GALLO; ALENCAR, 2012, p. 154).

A coerção e agressividade nas famílias levam as crianças agir como tal, trazendo inúmeros problemas tanto em casa, como na escola ou na comunidade que esta inserida (clube, igreja, vizinhos), mas na realidade, os problemas internos familiares, passam a ser exteriorizados pelas crianças e tem-se algumas modalidades de padrões de criação dos filhos:

- Pais inflexíveis: moldam e controlam as regras à partir do seu ponto de vista e padrões rígidos; Como ponto negativo para as crianças é a inexistência da comunicação e diálogo;
- Pais democráticos: visam o dialogo, proporcionam razoável liberdade, mas há regras rígidas e expectativas claras e rígidas; Como ponto de destaque, a criança é ouvida, há esclarecimentos sobre a decisão tomada e tem-se o respeito mutuo;
- Pais permissivos: pouco controle e os filhos aprendem por meio da experimentação e experiências sem mediação; Ponto negativo: A criança não tem maturidade para tomada de decisão, não sabe discriminar o que seria adequado e funciona apenas pelo comando do desejo;
- Pais negligentes: não há apoio, orientação, comando ou amor. Como pontos negativos tem-se crianças sistematicamente ignoradas, abandonadas física e emocionalmente, de acordo com Gallo e Alencar (2012).

Na própria família, muitas vezes os problemas apresentados pelas crianças não são identificados e são negligenciados pelos pais, de acordo com Gallo e Alencar (2012), tem-se a necessidade de uma adoção de um programa de intervenção diante de uma situação desfavorável, grave ou mesmo incoerente com a idade da criança. Amigos, parentes, comunidade e principalmente na escola, procura evitar o problema (primário), mas quando ele existe, lida com o tratamento (secundário) e com as conseqüências que o problema produziu (terciário).

Quanto o papel e importância das intervenções, a família é a responsável pela promoção do estímulo motos e cognitivo, quando e negligencia há importantes prejuízos durante toda a fase de desenvolvimento. Quando a família falha, é necessário que outras instituições assumam esta realidade, como já citado anteriormente o papel da escola (maternal, educação infantil ou series iniciais) e de grande importância:

Entendendo a escola como lugar privilegiado de socialização e aprendizado, defendemos o seu papel de promotor de ações preventivas e formador de atitudes, levando as crianças, jovens e suas famílias a refletirem sobre elementos básicos vinculados a saúde. Existem três níveis de prevenção, que são fundamentais para se discutir estratégias de intervenção. A prevenção

primária é quando um problema não ocorreu e queremos que ele não venha a ocorrer. A prevenção secundária é quando o problema já aconteceu e queremos eliminar essa condição. A prevenção terciária é quando não é mais possível reverter a condição, portanto, queremos amenizar as sequelas. Um programa de intervenção bem elaborado é aquele que lida com os três níveis de prevenção (GALLO; ALENCAR, 2012, p. 201)

Neste contexto como estratégia de tratamento destacam-se as psicoterapias Mello (2004) a psicoterapia é uma forma de tratamento que utiliza como instrumentos a comunicação e o relacionamento sistematizado entre o terapeuta e um ou mais pacientes. O papel do terapeuta é o de auxiliar no paciente no processo de identificação, entendimento e dar sentido aos seus conflitos e ainda visa corrigir as distorções nas percepções que o paciente tem de si mesmo e do meio que o cerca, bem como procura que este melhore suas relações interpessoais:

O terapeuta, capacitado através de uma formação teórica, mostrará ao paciente os caminhos para atingir as metas do tratamento. Em geral, o terapeuta faz sua formação após o término da faculdade. Além da formação teórica, é desejável que o terapeuta passe por um processo psicoterápico, para que não prejudique seus pacientes ao confundir suas angústias e conflitos com os destes (MELLO, 2004, p. 124).

Segundo Isse (2013) por Sigmund Freud tem-se a associação livre, transferência, interpretação do reprimido, sonhos, repressão, sexualidade e fantasia. Muitos são os recursos para o atendimento infantil como, por exemplo: brincadeiras, jogos, desenho, dramatização visando atender diferentes objetivos:

- O desenho é algo que “fala” nas relações terapêuticas. Uma modalidade seria considera-lo uma representação das relações presentes no mundo emocional da criança, que se aproxima também da sua realidade externa. Assim acontece as leituras dos desenhos de família. Conseguimos, através dele, visualizar o que esta acontecendo no mundo interno da criança;
- Outras ferramentas de grande aceitação e eficiência são os jogos e os contos de fadas, que se constituem como relações primárias através de sons, verbalizações, ludicidade, possibilidade de intercâmbios comunicativos e sentimentos afloram como raiva, ciúmes, medo, invejas demonstrando o verdadeiro eu da criança. No jogo de contos de fadas o terapeuta desempenha o papel mental que a criança precisa do demonstrar e falar de seus medos e receios, é a necessidade de verbalização;

- Faz-se necessário procura entender a historia, o contexto daquela criança e de sua família, onde os pais se situam, buscam “justificar” os sintomas familiares. Muitas vezes, a criança funciona como “bode expiatório” da família, ela é tida como “o problema”, mas na realidade, são problemas familiares, com os quais os pais têm dificuldade de lidar, assumindo dessa forma, atitudes contraditórias: desejam que o filho seja tratado, que os sintomas sejam aliviados, mas não querem se envolver, discutir algumas questões.

Valorizando o papel dos psicólogos, Oliveira e Vieira (2015) e Lahm-Vieira et al (2011) citam importantes, desejáveis características e habilidades para os psicólogos se comunicar com as crianças:

- Ajudar o paciente através de ferramentas que proporcionem novas perspectivas ao paciente;
- Facilitar a conversa terapêutica;
- Fortalecer a auto estima;
- Escutar, acolher e diagnosticar;
- Ajudar a verbalizar;
- Atenção à pessoa;
- Reciprocidade;
- Flexibilidade;
- Resignificar a noção de indivíduo;
- Utilizar diferentes estratégias para comunicação: jogos, brincadeiras, contos de fadas, etc;
- Adoção de posturas diretivas ou passivas, dependendo da situação.
- Desenvolver uma relação real com o paciente;
- Habilidade na identificação de manifestações internas do paciente como pensamentos, fantasias e sensações;
- Produção conjunta de diálogo;

A atuação da psicologia especialmente no contexto social tem se mostrado importante através dos trabalhos realizados junto as equipes multidisciplinares. Segundo Alberto et. al (2008) o psicólogo passa atuar na construção de ações concretas na sociedade seja através de ações junto as famílias, escolas, instituições e tendo um papel importante na rede, deixando de ser um profissional apenas para atuar após o problema

instalado, mas atendendo a subjetividade do sujeito levando em conta as construções históricas, sociais e culturais na qual a criança está inserida.

Considerações Finais

A partir do presente estudo concluiu-se que quanto melhor a qualidade da estimulação ambiental familiar disponibilizada a criança melhor será seu desempenho cognitivo. A interação com o meio é muito importante para a formação do sujeito, levando em conta que o primeiro contato da criança é com sua família, com sua cultura, tendo acesso a valores, regras, padrões, limites, comunicação e estas influenciarão diretamente em como este irá se desenvolver.

Questões como negligência, a indiferença, a falta de limites, a promoção gratuita de violência são exemplos de falta de estimulação e amor durante o desenvolvimento infantil, e estes, posteriormente contribuirão com os mais diferentes problemas. Para tanto a escola pode e deve auxiliar esta criança, oferecendo apoio, orientação para pais e familiares, sobre os prejuízos e encaminhar adequadamente para tratamento e apoios dos mais diferentes profissionais como médicos, terapeutas, assistentes sociais e psicólogos garantidos pela lei.

O papel do psicólogo nesse sentido será acompanhar a criança no seu desenvolvimento cognitivo e psicossocial, analisando quanto o meio e o ambiente familiar pode está influenciando em seu comportamento, irá compreender seus problemas psicológicos e também trabalhar na prevenção dos mesmos. Fornecer apoio à criança e aos pais de modo a prevenir ou reduzir situações de ruptura emocional, possibilitando a prevenção dos desajustamentos, e criando alternativas de reorganização, através de apoio terapêutico individual e familiar, reforçando as capacidades da criança e da família para lidarem com as adversidades.

Child development measured by family culture and the role of the psychologist

ABSTRACT: This article sought to analyze the role and importance of child development mediated by culture, family from the perspective of psychology. In child development we have the physical, neurological, cognitive and behavioral changes that occur in gradual processes, consisting of progress from the simplest to the most advanced stages of complexity, through the active participation of stimulation by the parents. In relation to the psychological aspects we have cognitive, personality, correlation of internal and external characteristics and how they react to all changes and influences both family and society. In this same environment one has the possibility of

receiving love and protection, as well as being neglected and abandoned, bringing losses in the most different areas, requiring support, guidance and treatment. The role of the psychologist in this regard will be to accompany the child in their cognitive and psychosocial development, analyzing how much the environment and the family environment may be influencing their behavior, will understand their psychological problems and also work on their prevention.

KEYWORDS: Child Development, Stimulation, Cognitive, Family, Culture, Psychologist.

Referências bibliográficas

ALBERTO, M. de F. P.; et al.; O Papel do Psicólogo e das entidades junto crianças e adolescente em situação de risco. **Psicol. cienc. prof.** [online]. 2008, vol.28, n.3 Disponível no site: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932008000300010&script=sci_abstract&tlng=pt, acessado em Novembro/2018

ANDRADE, S.A.; et al.; Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Revista de Saúde Pública** 2005; 39 (4): 606-11

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente**, Câmara dos Deputados, Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990. DOU de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF

BRONFENBRENNER U, CECI SJ. Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. **Psychol Rev.** 1994;101(4):568-86.

BRUNER, J.S.; **Concepções da infância: Freud, Piaget, Vigotski**, 27 de julho de 2005, Disponível no site: http://www.delari.net/bruner_concepcoes-de-infancia.pdf, acessado em Outubro/2018

DEAKIN, E.K.; NUNES, M.L.T.; Investigação em psicoterapia com crianças: uma revisão. **Rev Psiquiatr RS.** 2008;30(1 Supl)

DESSEN, M.A.; POLONIA, A.da C.; Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, 2007, 17(36), 21-32

GALO, A.E.; ALENCAR, J. da S.A.; **Psicologia do desenvolvimento da criança**. In: Centro Universitário de Maringá. Núcleo de Educação a distância, Maringá - PR, 2012.

GHEDIN, E.; GOMES, R.C.S. . O desenvolvimento cognitivo na visão de Jean Piaget e suas implicações a educação científica. In: **VIII ENPEC – Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências**, Rio de Janeiro: ABRAPEC, 2012. v. 1. p. 1-14.

GOULART, J..J; **Análise do desenvolvimento infantil em um processo de avaliação psicológica: um estudo de caso**. Monografia do Curso de Especialização em Psicologia – Ênfase em Avaliação Psicológica pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, março/2016

ISSE, J.F.; **Possibilidades na psicoterapia infantil: os profissionais da psicologia e a técnica de atendimento a criança**. Monografia para o curso de Psicologia pelo Centro Universitario Univates, Lajeado, 2013

LAHM-VIEIRA, C.R.; et al.; Revisando intervenções narrativas: ferramentas para o contexto terapêutico. **Nova Perspectiva Sistêmica**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 99-114, ago. 2011

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A.; **Fundamentos de Metodologia Científica**, Editora Atlas, 5 ed, São Paulo, 2003

MACIEL, M.R.; et al.; A infância em Piaget e o infantil em Freud: temporalidades e moralidades em questão. **Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 20, Número 2, Maio/Agosto de 2016: 329-337

MELLO, M.F. de; Terapia Interpessoal: um modelo breve e focal. **Rev. Brás Psiquiatr.**, Rio de Janeiro (RJ), vol.26, nº 2p. 124-130, 2004

MOTA, M; E; da; Psicologia do Desenvolvimento: uma perspectiva histórica. **Temas em Psicologia** — 2005, Vol. 13, no 2, 105 – 111

OLIVEIRA, J.F. de; VIEIRA, E.D.; Reflexões sobre a relação terapêutica: perspectivas da gestalt-terapia e do psicodrama. **Revista IGT na Rede**, Rio de Janeiro - RJ, v. 12, nº 22, p. 92 – 110, 2015

RABELLO, E.T.; PASSOS, J. S.; **Vygotsky e o desenvolvimento humano**, 2018 Disponível em <http://www.valecursos.com.br/vygotsky-e-o-desenvolvimento-humano/> acessado em Novembro/2018

SILVA, N.C.B. da; et al.; Variáveis da família e seu impacto sobre o desenvolvimento infantil. **Temas em Psicologia** - 2008, Vol. 16, no 2, 215 – 229

SILVA, T.R.; GONTIJO, C.S.; A Família e o Desenvolvimento Infantil sob a Ótica da Gestalt-Terapia. **Revista IGT na Rede**, v.13, nº 24, 2016. p. 15-36. Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs>